



a *Liahona*

Setembro de 1960

a liahona

SETEMBRO DE 1960

VOL. XIV — N.º 9

Órgão Oficial das Missões Brasileiras da Igreja de Jesus Cristo dos Santos dos Últimos Dias

Neste Número

EDITORIAL

Sentinelas na Tórre, Presidente Wm. Grant Bangerter 276

DE INTERESSE GERAL

As Missões Germânicas 277
O Poder da Tradução, Sterling W. Sill 280
Fé, Essa Conquistadora, James A. Little 282
Profecias e Bênçãos para os Lamanitas, Milton R. Hunter 284
A Influência Educativa da Sociedade de Socorro 291
Um Passo à Frente 303

SEÇÕES ESPECIAIS

Jóias do Pensamento, John Longden 275
A Igreja no Mundo 275
Eu Gostaria de Saber, Joseph Fielding Smith Jr. 279
Conferência no Pacaembú 287
Sacerdócio nas Missões: Ide por Todo o Mundo 294
Suplemento da Lição para os Mestres Visitantes do Ramo 295
Notícias do Sul 300
Seu Ramo 301
Reminiscências 302

Aceitamos suas contribuições mas não nos responsabilizamos pelos artigos não solicitados.

REDAÇÃO

Editores — Wm. Grant Bangerter, Asael T. Sorensen

Redatores — Arch J. Willis, Sherwin W. Jamison

Diretor Gerente:

Clarel Mafra dos Santos

Registrado sob o N.º 93 do Livro B, N.º 1 e Matrículas de Oficinas Impressoras, Jornais e Periódicos, conforme Decreto N.º 4.857, de 9-11-1930.

PREÇOS:

Exterior: Ano US\$ 3,50

No Brasil: Ano Cr\$ 150,00

Exemplar: Cr\$ 15,00

Missão Brasileira

R. Itapeva, 378 - Bela Vista - C. Postal 862 - S. Paulo, E.S.P. - Fone: 33-6761



O EVANGELHO SERÁ LEVADO A TÔDA CRIATURA

Excertos de uma palestra oferecida pelo Elder John Longden, Assistente do Conselho dos Doze, na conferência anual realizada em abril de 1957.

Os usos podem mudar, porém os princípios não. Conta-se que em certa ocasião o Mestre.

“... subiu ao templo e ensinava. “Então os judeus se maravilhavam e diziam: Como sabe êste letras, sem ter estudado?”

“Respondeu-lhes Jesus. O meu ensino não é meu, e sim, daquele que me enviou.

“Se alguém quiser fazer a vontade d’Ele, conhecerá a respeito da doutrina, se ela é de Deus ou se eu falo por mim mesmo.” (João, 7: 14-17).

Os princípios que o Senhor ensinava no templo 2.000 anos atrás são tão verdadeiros hoje em dia e tão importantes para o bem-estar de nossas vidas quanto o eram para o povo a quem Ele ensinava. Existe a promessa de que se qualquer homem fizer a vontade do Pai, conhecerá a doutrina e a identificará como sendo de Deus. Isto evidência que um homem pode receber uma garantia positiva da verdade se apenas humilhar-se diante do Senhor, fazendo a vontade do Pai.

Sim, o evangelho de Jesus Cristo é positivo... É uma coisa magnífica possuir testemunho do Evangelho... Era possível receber garantia positiva, ou seja, testemunho, nos dias do Mestre; o mesmo é possível hoje em dia pois que esta é uma verdade eterna. Muitas vezes ouvimos a declaração:

“O Evangelho é verdadeiro: Eu sei que o Evangelho é verdadeiro.” Possuo testemunho e presto-o a todos, de que sei que uma coisa chamada Mormonismo é a verdade, pois incorpora o inteiro Evangelho de Jesus Cristo.



A POLÔNIA TRAVA CONTACTO COM O TABERNÁCULO

O povo polonês está atualmente tendo oportunidade de ler a história do Tabernáculo de Salt Lake na presente publicação da revista “Ameryka”. O artigo, condensado do Holiday Magazine e reimpresso por permissão especial, foi transportado para a revista polonesa sobre a América.

Com 30.000 exemplares de tiragem, “Ameryka” (América Ilustrada) é uma publicação mensal efetuada pela Agência Informativa Americana, conforme acôrdo feito com o govêrno polonês em 1959. A revista é publicada pela “Press and Publications Service dos Estados Unidos, em Washington, D.C.” e imprimida em Nova York. É distribuída na Polônia para promover um maior conhecimento dos Estados Unidos e da vida na América.

O artigo, intitulado “O Tabernáculo Mórmon”, apresenta uma grande e atrativa ilustração da Praça do Templo, mostrando o Tabernáculo e sua localização em relação ao Templo e outras construções. Mostra ainda um interior do Tabernáculo, lotado de pessoas, figurando o órgão inteiro, a localização do côro e o púlpito.

DESDOBRAMENTO DA MISSÃO SUISSO-AUSTRÍACA

A divisão da Missão Suíço-Austríaca foi anunciada pela Primeira Presidência.

Ela criará a Missão Suíça cuja sede continuará sendo Brasil, e a Missão Austríaca, cujos escritórios centrais se estabelecerão provavelmente em Viena. Isto eleva a 53 o número total das missões da Igreja.

O Elder William S. Erekson continuará como presidente da Missão Suíça, e Winslow Whitney Smith, presentemente Diretor do Departamento de Bacteriologia e Saúde Pública da Universidade do Estado de Utah, em Logan, foi indicado para liderar a nova Missão Austríaca. Sua família consiste da Sra. Alice Cotton Smith e dois filhos, Philip e Caroline Smith, e todos acompanharão o novo presidente a Viena.

Quem possui êsse testemunho, pode enfrentar períodos de confusão — ocasiões de ponderação — mas sempre conseguirá superpuja-los, se os sulcos de seu testemunho forem profundos no coração...

Eu possuo testemunho de que êste Evangelho será levado a tôda a criatura e de que todos devem alcançar um conhecimento das verdades que dêste púlpito são ensinadas, antes que possam curvar seus joelhos e baixar a cabeça confessando que Jesus é o Cristo.

“Sentinelas na Tôrre”



pelo Presidente

Wm. Grant

Bangerter

“Filho do homem: Eu te dei por atalaia sôbre a casa de Israel:” Assim falou o Senhor a um de seus servos, nos antigos tempos.

Era costume naquêles dias postar vigia numa tôrre construída nos lugares altos da cidade, para prevenir a aproximação de inimigos e garantir a segurança de todos os habitantes.

No conhecimento do poder de Salvação que chegou até nós nos últimos dias, compreendemos ser responsáveis ao mesmo tempo por nós próprios e por nosso próximo. Individualmente, recebemos a admoestação de “Orar continuamente para não cair em tentação”. Ou, em outras palavras, compreendemos que precisamos vigiar na tôrre para garantir a segurança de cada um dentro do Reino de Deus.

Nesta Nova Era, os Profetas de Deus nos designaram a que nos tornássemos missionários. “O que fôr avisado, deverá também avisar o seu vizinho”. Eis porque êsse grupo de menos de 5.000 membros do Brasil, deve espalhar a palavra de Salvação por trazer pelo menos um membro novo por ano. A maioria de nós está mesmo em condições de avisar pelo menos um por mês.

Depois que nos ligamos à Igreja, têm sido tomadas providências para se manter uma Sentinela na Tôrre. Assim, sendo, nós temos organizações para salvaguardar a cidade. Requer-se que a presidência do ramo se mantenha constantemente em contacto com todos os membros de seu rebanho. Os professores da Escola Dominical têm sob seu encargo ensinar o Evangelho a todos os que frequêntam a Igre-

ja. Da A.M.M. espera-se que prepare atividades e instrução para tôda a juventude. Os dirigentes da primária vigiarão para que tôdas as crianças recebam uma boa base de conhecimento sôbre o Evangelho. Mas é do Sacerdócio que o Senhor requer a liderança de Seu povo. Assim sendo, o Presidente do Ramo os designa para “Vigiar constantemente sôbre a Igreja, estar com os membros e fortalecê-los”.

Na Nova Era descobrimos que não nos é mais possível dispender 6 meses para visitar cada lar, antes que os investigadores sejam batizados. Nós ensinamos aos novos conversos que o Evangelho tornou-se sua responsabilidade e que precisam achar-se a nós para aprendê-lo, após haverem sido batizados. Alguns dos membros antigos estão ofendidos porque tantos estão se juntando à Igreja em tão pouco tempo. Parece que êles na verdade se ressentem do crescimento do Reino. As vêzes expressam-se como se não desejassem novos membros. Será possível que desejem limitar o Evangelho a apenas uns poucos? Sem dúvida, se olharmos através dos olhos do Senhor compreenderemos que Êle deseja a salvação de todos os Seus filhos.

E à medida que desenvolvemos êsse Espírito de Crescimento que tam se tornado tão poderoso em nosso meio, façamos com que cada novo membro se rejubile por ter-se juntado a nós. Fortaleçamos sua fé com nosso próprio encorajamento e testemunho. Se nós sustentamos uma posição de responsabilidade na liderança, que a cumpramos cabalmente.

(continua na página 278)

AS MISSÕES GERMÂNICAS

A atividade missionária terá talvez sobrepujado maior número de dificuldades e obstáculos no território germânico do que em qualquer outro em que a Igreja já tenha estabelecido missões, até o presente momento. Mas apesar de tôdas as dificuldades, o evangelho tem continuado a progredir, e a alcançar um número cada vez maior de alemães, durante os últimos cem anos.

A obra missionária inciou-se na Alemanha no ano de 1851 quando o Elder John Tay-

lor, (mais tarde o terceiro presidente da Igreja), abriu um ramo na cidade de Hamburgo. Apesar de não tão numerosos quanto os ingleses e escandinavos, muitos dos primeiros valerosos pioneiros a ajudar na construção da moderna Sião, em Utah, provinham das plagas germânicas. A missão desenvolveu-se vagarosamente, mas através dos anos e até nossos dias logrou desdobrar-se em três missões, naquêlê país.

O mais sério obstáculo que a obra missio-



DONNSTETTEN.

Os Alpes no inverno.

O planalto dos Alpes que aqui divide as águas da Europa, é o paraíso dos esportes de inverno e tem nesta região uma das mais seguras pistas de esqui, pitorescos caminhos para escur-

sões, cabanas para pernoitar e agradáveis estalagens camponesas. A altitude é de 803 m e sua fundação é bastante antiga, pois data do ano 800 da era cristã. Devido à sua abundância de água, que é escassa na região, muito cedo os romanos ali se estabeleceram, como o comprova a, assim chamada, "Pedra Romana" que se encontra nas proximidades.

nária enfrentou na Alemanha foram as duas guerras mundiais. Acima de tudo, os regimes governamentais que precederam aos grandes conflitos não eram muito favoráveis ao seu crescimento, tudo fazendo para exterminar depressa a obra. E nos dias em que a guerra sufocava toda a Europa, os Santos da Alemanha perderam praticamente todo contacto com o mundo exterior. Toda supervisão foi impedida aos escritórios administrativos da Igreja, e os missionários imediatamente expulsos da região. Apesar de tudo, a Igreja subsistiu, mesmo naquêles tempos de adversidade, e os membros locais chamaram a si próprios a responsabilidade de conservar intacta a organização da Igreja. O crescimento estagnou temporariamente, como consequência das terríveis circunstâncias e do fechamento do trabalho missionário, mas a Igreja de Jesus Cristo permaneceu com aquêles Santos durante toda a guerra. Quando cessou o clamor das batalhas, os missionários voltaram, para retomar a obra onde haviam deixado.

Lamentavelmente, a Missão da Alemanha Setentrional está ainda suportando os efeitos da última guerra. Dois-terços dos 8.700 membros habitam a parte norte do território, onde se desenvolve um próspero sistema econômico que é hoje tão típico de toda a região livre da Alemanha. No entanto, o outro terço vive na área subjugada ao comunismo, onde apenas lhes é permitido continuar subsistindo.

Nessa parte da missão, os membros são restringidos em todos os aspectos, sendo constantemente censurados pela lei, e muitos dêles perderam emprêgos devido à sua crença. A obra missionária — o pouco que é feito — é

supervisionada por um Elder, natural da Alemanha Oriental, primeiro conselheiro da Presidência da Missão. Missionários de qualquer outra nacionalidade têm sua entrada ali impedida, e portanto, apenas os membros locais podem trabalhar na obra. E, no entanto, isto não é tudo! Até os naturais são proibidos de distribuir qualquer panfleto ou literatura religiosa. Aos membros é apenas permitido manter em sua posse as 4 obras padrão da Igreja. Comentários e quais quer outros materiais religiosos são proscritos.

Poderá parecer que aquêles grupo de membros é absurdamente oprimido, mas alguém já disse que, “Deus certa forma, talvez isto seja uma bênção, uma vez que nunca vi povo mais devotado e familiarizado com as escrituras.”

Apenas raramente o Presidente da Missão tem oportunidade de atravessar a “cortina de ferro” para visitar aquêles membros. Às vezes, é-lhe permitido visitá-los duas vezes por ano, e sempre retorna com mais experiências edificantes para relatar, a cerca de um corajoso povo.

As três missões contam atualmente uma congregação de 16.200 membros. Famosa por sua Floresta Negra, Rio Danúbio, Castelos Medievais e outros cenários maravilhosos, a Alemanha tem também representado um importante papel na história da Igreja, durante esta dispensação.

Estampada na nossa capa fronteira dêste mês, está uma cena da cidade de Bietigheim, e a arquitetura germânica típica reflete-se nas águas do Rio Metter. Atrás está fotografado o castelo “Hohenzollern”.

EDITORIAL

(continuação da página 276)

Presidentes de Ramos: Cuidem de seus rebanhos como que de seus próprios filhos. Mantenham-se em contacto com êles através dos Mestres Visitantes. Alguns novos membros afirmam que após terem-nos deixado os missionários, ninguém mais apareceu para vê-los.

Dirigentes do Sacerdócio e das Auxiliares: Sigam avante e cuidem bem daquêles que estão sob sua assistência, em suas organizações.

Membros: Guardem os mandamentos de Deus.

Freqüentem a Reunião Sacramental.

Paguem seus dízimos.

Guardem a palavra de sabedoria.

Sejam castos e honestos.

Amem seus irmãos e líderes.

O Evangelho de nada lhe servirá a menos que você o viva.

Êsse tipo de sentinela garantirá nossa segurança e nos manterá preparados para a vinda do Noivo, pela qual devemos todos vigiar e orar.

SERÁ QUE JESUS BATIZAVA?

EU GOSTARIA DE SABER

JOSEPH FIELDING SMITH Jr.

Presidente do Conselho dos Doze¹

Responde à sua pergunta.

Pergunta: No Livro da Igreja “Nosso Senhor dos Evangelhos”, a seção 36 se refere a João 3:22 que diz: “Depois disto foi Jesus com os seus discípulos para a terra da Judéia; e estava ali com êles, e batizava.” E também a João 4:1-2, que diz: “E quando o Senhor entendeu que os fariseus tinham ouvido que Jesus fazia e batizava mais discípulos do que João, (Ainda que Jesus mesmo não batizasse, mas os seus discípulos)...

Perguntamos, “Jesus mesmo batizava, ou Êle apenas instruía os discípulos e os deixava batizar?”

Resposta: É fato bem estabelecido que nosso Salvador tinha tôdas as chaves e autoridades do Sacerdócio, e tinha o direito divino de officiar em tôda e qualquer ordenança do Evangelho; nem estava abaixo de Sua dignidade administrar aos doentes, dando visão aos cegos, levantando mortos, curando leprosos e derramando bênçãos sôbre as multidões que se apertavam em seu redor. Não pode haver questão sôbre Sua autoridade de fazer qualquer trabalho pertencente a Seu ministério. No terceiro capítulo de João está positivamente declarado que Êle batizava. No capítulo quatro, conforme chegou a nós através de traduções erradas, se afirma que Êle não ba-

tizava ou pelo menos assim está insinuado na maior parte das traduções modernas. Infelizmente não temos nenhum manuscrito original.

O Dr. Adam Clark em seu comentário, diz o seguinte: “...Não está bem claro se Cristo mesmo batizava com água: mas seus discípulos o faziam; cap. 4:2, e o que êles faziam por Sua autoridade e mandamento, era atribuído a Êle próprio. É costume comum em todos os países e línguas, atribuir as ações de pessoas debaixo de govêrno e dirigidas por outrem, àqueles que as mandam e dirigem. Alguns autores porém supõem que Cristo no princípio batizava mas quando obteve discípulos, deixava para êles êsse trabalho; e é assim que estas passagens devem ser compreendidas: 1) A passagem que diz que Cristo batizava antes de chamar os doze discípulos: e 2) capítulo 4:2 do batismo administrado pelos discípulos depois de serem chamados para êsse trabalho de Cristo.”

O profeta Joseph Smith interpretou esta passagem em João 4:1-4 como segue:

“Quando por isso os fariseus ouviram que Jesus fazia e batizava mais discípulos do que João,

“Procuraram mais diligentemente algum meio de levá-lo à morte; pois muitos receberam João como profeta, mas não acreditaram em Jesus.

Não obstante o Senhor sabia disto, ainda que Êle mesmo não batizasse tantos quanto Seus discípulos.

“Porque Êle deixou-lhes um exemplo, de exaltarem-se uns aos outros.” (Versão inspirada).

Traduzido por Rodolpho Alberto Raeder.

O Poder da Tradução



por Sterling W. Sill
Assistente do Conselho dos Doze

Perguntaram a um homem de letras qual era na sua opinião a melhor tradução da Bíblia. Respondeu êle que entre tôdas, gostava da tradução de sua mãe. Ela havia traduzido a Bíblia na sua própria vida. E é realmente esta uma tradução de grande valor. A Bíblia tornava-se assim perante êste homem de letras muito mais importante, pois manifestava-se na personalidade, na fé, e na representação real e diária de sua mãe. Êle via aquela a quem êle mais respeitava nesta vida, de joelhos diante daquêle que é o mais respeitado no paraíso. Êle pôde ver sua mãe vivendo os pre-

ceitos da Bíblia. Ela era a representação visual da mensagem e da atitude da escritura sagrada.

Um seguidor do mestre, bem sucedido, traduz idéias de uma língua para outra. Mas há outros seguidores do mestre que traduzem as palavras das escrituras em atos dignos e traduzem o espírito do Evangelho em seus corações. Há grandes líderes que podem tomar das verdades eternas e das atividades religiosas e torná-las produtivas nas vidas dos outros. Um de nossos maiores desafios está na capacidade de tirar o Cristianismo das Escrituras e dá-lo às pessoas, particularmente a nós mesmos.

Nós precisamos ser capazes de traduzir o espírito da vida do mestre num trabalho real, onde êle possa vir a ser de maior valor para nossos semelhantes. "A única Bíblia que muitos já leram foi a Bíblia de nossas vidas." Que significado mais proveitoso poderia ser unido ao termo tradução além do que encará-lo como transferir as maiores idéias das páginas impressas em nossa sempre presente conduta diária? Pelo contrário, que maior fracasso poderia nos atingir do que ter um livro ou a mente cheia de planos e idéias excelentes sendo que nenhuma delas jamais tivesse se manifestado em nossos assuntos de todo o dia? Tem sido afirmado para nosso descrédito que muitos Cristãos são somente "Cristãos da Bíblia" o que significa que a Cristandade permanece na sua maior parte na Bíblia e somente uma pequena parte chega até nós. Alguns tendem para um mero Cristianismo verbal, que se limita à página impressa ou a uma simples expressão oral, não possuindo pois nenhum valor prático. Na verdade, isso é pecaminoso pois "a maior blasfêmia não é a profanação mas sim o adorar com os lábios". A um dos filhos do lavrador da vinha que disse "Eu vou." mas não foi, Jesus disse, "Em verdade vos digo que publicanos e meretrizes vos precedem no reino de Deus." (Mateus 24: 30-31)



... idéia tirada de uma chaleira em fervura

Uma de nossas maiores deficiências é a falta de habilidade para fazer uma aplicação prática de nossas grandes idéias. Há algumas pessoas que são capazes de ouvir uma grande mensagem do evangelho sem serem profundamente perturbados. Há alguns que podem pisar em solo sagrado sem ter o desejo de descalçar-se. Poderá ainda haver outros que serão capazes de ler a Bíblia do começo ao fim e continuar depois tratando dos seus assuntos particulares como o faziam antes sem apresentar sequer qualquer mudança apreciável quer de atitude, conduta ou devoção. Há alguns que podem ser maravilhosamente eficientes em seus trabalhos diários mas que são incapazes de empregar esta mesma eficiência para trabalhar para o Senhor com bom resultado.

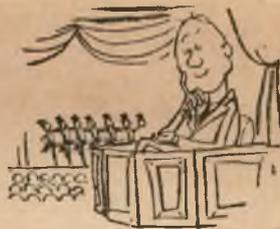
Mas, então, há aqueles que, como a mãe do homem acima mencionado, desenvolvem a habilidade de tomar as idéias e traduzi-las em atitudes, atividades, e divindade. Estas pessoas poderão usar a mesma habilidade com a qual fazem o trabalho do mundo com tão bons resultados, e empregá-la ainda melhor para desempenhar com sucesso a obra do Senhor.



... a aranha construindo sua teia

O dicionário diz que “traduzir é mudar a forma”. É “dar significado aos pensamentos” e “tornar os sentimentos aproveitáveis na vida de outros”. Nós falamos de um “ser trasladado” referindo-nos a um ser levado ao paraíso sem ter provado a morte. A definição de uma “idéia traduzida” poderia bem ser relacionada à frase anterior excetuando a maioria das idéias que morrem no caminho. Elas algumas vêzes nem passam pelo processo ou pela prova de serem traduzidas numa ação. É contudo de real valor a habilidade de fazer com que as idéias passem com êxito através dos primeiros estágios de sua metamorfose para onde se tornarão fé e ação. Levar as

idéias e sentimentos através dos planos de utilidade, torná-las acessíveis a outras vidas é no que consiste a verdadeira religião. Mas esta capacidade é também uma das importantes características da liderança. E é o principal dever da liderança verificar se esta habi-



... uma fileira de coristas

lidade de transmitir está sendo desenvolvida e usada com sucesso.

Em vários lugares da escritura a expressão “o dom da tradução” é usada. O Senhor disse que Joseph Smith deveria ser chamado (tradutor) intérprete. Ele disse a Oliver Cowdery, “E, eis que te concedo o dom, se de Mim o desejas, de traduzir tal como o meu servo Joseph.” (D&C 6:25) O dom ao qual Ele se referia era naturalmente o dom de traduzir de uma língua para outra. Mas há êste outro dom de traduzir, isto é traduzir da língua para os sentimentos e dos sentimentos para a ação e da ação para a realização. Mais do que ninguém precisam os líderes possuir esta habilidade. O conhecimento, a fé e a determinação dos líderes poderão ser transformados em glória eterna para aqueles que são liderados. A palavra do Senhor exerce seu propósito mais alto somente quando ela é traduzida em atividade presente e em divindade.

Mas a maioria das mais importantes figuras do mundo em todos os campos de atividades, poderia ser de certo modo considerada como tradutores. James Watt traduziu a idéia de uma chaleira com água fervendo numa poderosa locomotiva a vapor. Uma aranha tecendo sua teia deu a um engenheiro-construtor a inspiração para uma das grandes e primeiras pontes-suspensas. Diz-se que Brigham Young, ao quebrar a caseca de um ovo

(continua na página 296)

Fé, Essa Conquistadora

Por James A. Little



Continuaremos o relato dêste grande testemunho de Jacob Hamblin, a partir da última parte apresentada. Nela o Irmão Hamblin havia programado algumas explorações do Colorado, com o fito de encontrar uma passagem mais praticável até a região Moquis, o que efetivamente conseguiu. O ponto alto do último capítulo foi o consentimento de alguns moquis em encetar viagem até as cidades dos Mórmons. Entretanto, o cunho aventureiro da nossa história cede terreno, por momentos, a experiências algo sentimentais, quando entra em detalhes sôbre Albert, o filho índio de Jacob Hamblin, que conhecia por inspiração, a grande obra que lhe estava reservada entre os mortos.

Chegamos a São Jorge no dia 13 de maio de 1863. Cinqüenta e seis dias durara a nossa ausência. Tínhamos explorado uma rota para carroças, praticável, se bem que difícil desde São Jorge até Little Colorado; visitáramos os Moquis e exploráramos um pouco

da região em derredor do monte São Francisco.

Regressando fui informado de que meu filho índio, Albert, havia morrido e já estava enterrado, como êle mesmo havia predito na minha última despedida.

Suponho que tivesse mais ou menos dez anos quando o adotei; havia morado doze anos em meu lar, e isso atribuía-lhe uma idade de mais ou menos vinte e dois anos ao morrer. Durante vários anos êle estêve encarregado de meus rebanhos, manadas e gado, os quais aumentaram e prosperaram em suas mãos.

Tempos antes de morrer, adviera-lhe uma visão na qual se via pregando o evangelho a uma multidão do seu povo. Êle acreditava que tal visão se realizaria no mundo dos espíritos. Era a êsse fato que se referiu ao afirmar que, para estar em missão, já teria falecido quando do meu retôrno.

Êle foi um fiel Santo das Últimos Dias; acreditava que tinha uma grande missão entre seu povo; teve muitas visões e sonhos, sendo abençoado na casa do Senhor.

CAPÍTULO XIV

Por êsse tempo, consideráveis modificações tinham-se processado no espírito e sentimentos dos índios do Utah Meridional, desde o primeiro povoamento da terra, em 1861-62. Àquela época, nossas visitas aos acampamentos, com longas palestras ao pé do fogo, nos haviam grangeado um sentimento amistoso em seus corações.

Após a povoação de São George, a obra missionária entre os indígenas tornou-se mais ampla e variada, mas por fôrça das circunstâncias, os sentimentos dos índios para com os Santos caminharam para o indiferentismo, retornando-lhes a antiga propensão ao roubo e ao assalto.

O grande número de animais trazidos à região pelos colonizadores, depressa devorou a maior parte de um tipo de vegetação, que produzia umas sementes nutritivas, com as quais os índios estavam habituados a subsistir. Quando, na estação adequada, os nativos dirigiram-se a essas paragens para colher os grãos, encontraram-nas devastadas pelo gado. Com os filhos talvez a chorar de fome, foi-lhes deixada a única e triste consolação de reunir-se ao pé do fogo nos terreiros, e lamentar suas grandes aflições.

Os causadores de tamanha perturbação entretanto, não se tinham apercebido da situação. Eu fiquei muitas vezes exasperado ao ver um índio e seus rebentos a dardejear com os olhos uma mesa posta, tentando fazer compreender a nosso povo as condições em que se achavam, sem no entanto o conseguir. A desnutrição e a fome, assim como outras influências os compeliram a cometer muitas depredações.

E quando nosso povo ia à forra, os inocentes eram, invariavelmente os afligidos. Em geral os praticantes do assalto estavam alertas; e fora do nosso alcance, enquanto que os que se sentiam dispostos a ser amigos, por almejar uma melhor compreensão por parte de nosso povo, eram os atingidos. Isto conduziu os melhor dispostos à desesperação.

Os navajos e outros índios da área a leste do rio Colorado, aproveitaram-se das circunstâncias para investir em corredeiras e pilhagens sôbre os povoados, levando centenas de rézes, cavalos e mulas, indispensáveis.

Em 1864, fui visitar os índios do leste de São George, acompanhado pelo Irmão George Adair. Eles estavam agrupados entre São George e Harrisburg, com o propósito de cum-

prir sua ameaça, destruindo alguns povoados na primeira oportunidade favorável.

Foi-me perguntado quantos homens pensava levar comigo na planejada viagem. Um, repliquei, e não desejo armas, ainda que seja uma simples faca, à vista.

Quando alcançamos os acampamentos, pedi-lhes que viessem todos, com suas mulheres e filhos, ouvir as palavras que eu tinha para lhes dizer. Eles já se haviam preparado para hostilidades, escondendo as mulheres e crianças, conforme seu costume.

A conversa que tivemos a seguir melhorou seu ânimo, e o espírito da paz triunfou sôbre a impaciência e a má disposição.

Um setenta e cinco milhas a oeste de São George, um grupo de Piutes havia-se confederado com um bando de índios que fôra repellido da Califórnia, e ameaçavam os povoados de Meadow Creek, Clover Valley e Shoal Creek. O Irmão Andrew Gibbons acompanhou-me então numa visita a êsses índios. Era verão, e eles deixaram que seus campos de milho secassem, seguindo para as montanhas. Nosso povo havia também manifestado tanta hostilidade quanto os índios, já tendo mesmo matado dois dêles.

Nós enviamos mensagem pedindo que todos viessem ver-nos, e tivemos uma comemoração, matando um boi. Em volta do brazeiro, a conversa girou e eles nos relataram suas aflições. Afirmaram sentir-se justificados no que faziam, e ainda no que pretendiam fazer.

Eu não os podia culpar, considerando as coisas do seu ponto de vista, e justifiquei-os realmente pelo que intentavam fazer, mas afirmei que por fim tudo resultaria pior para eles próprios, se levassem avante seus planos, em vez de desistir e fumar o cachimbo da paz. Pois a grama em que cresciam as sementes que lhes serviam de alimento havia sido tôda comida, e continuaria mesmo a sê-lo daí por diante. Mas se fossem amistosos, conseguiriam obter mais comida ajudando na colheita de nossos campos do que jamais haviam conseguido antes que chegassemos àquela região.

A palestra continuou durante horas. A dificuldade foi aplainada e retornamos a casa.

Logo no início de 1865, os navajos roubaram alguns cavalos de Kanab. Eu fui indicado para atravessar o Colorado e, se o lo-grasse, ter uma conversa com eles, recobrando

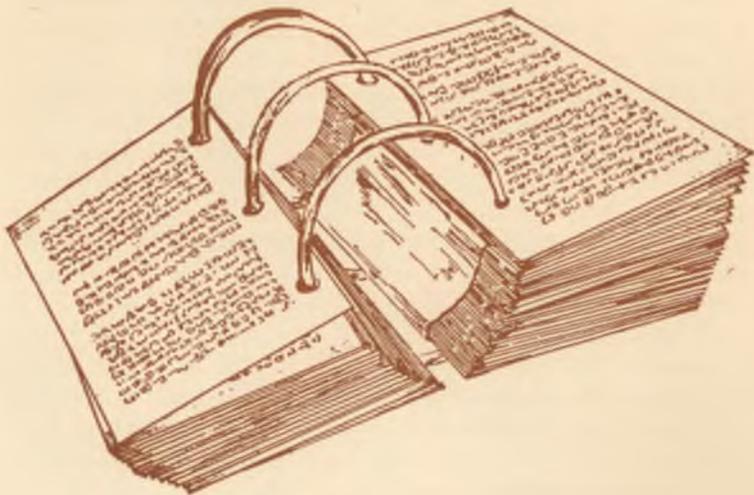
(continua na página 292)

Profecias e Bênçãos

Para os Lamanitas

Por Milton R. Hunter

do Primeiro Conselho dos Setenta



Queridos irmãos e irmãs. Humildemente eu procuro inspiração em sua fé e orações, para que o Espírito de Deus possa dirigir o que eu falar.

Os profetas do Livro de Mórmon fizeram várias profecias a respeito dos índios, ou lamanitas, prometendo muitas grandes bênçãos que iriam advir nos últimos dias. Algumas das profecias a respeito dos índios já se cumpriram, outras estão sendo cumpridas, e a seu tempo certo, tôdas as profecias dos santos profetas se cumprirão.

Gostaria de falar-lhes, nesta tarde, de duas maravilhosas experiências vividas pelos índios da Guatemala, na América Central. Essas experiências me foram relatadas durante uma viagem que fiz àquele país.

Eu passei pela Missão da América Central em Janeiro de 1956, em companhia do Presidente e Sister Edgar Wagner. Nós estávamos em um trem vindo da Cidade de Guatemala para Quirigua, Guatemala. Viajando no mesmo vagão que nós, estava uma jovem índia muito linda, uma Maya-Quiché de Quezaltenango, Guatemala, acompanhada de seu marido. O Presidente Wagner apresentou-os a mim, dizendo que a mulher índia era presidente da Sociedade de Socorro em Quezaltenango. Sentei-me no banco ao lado do deles e comecei a conversar. A mulher contou-me a seguinte história:

“Quando eu era menina”, disse ela, “uma coisa maravilhosa aconteceu em minha cidade.

Certo dia, dois estrangeiros vieram a Quezaltenango. Eles eram muito altos — muito mais altos do que os índios de nosso país — e sua pele era branca. Eram homens muito simpáticos, e sua vestimenta diferia enormemente da usada pelos Maya-Quichés. Ninguém tinha a mínima idéia de quem eles eram ou de onde provinham. Eles apareceram repentinamente no meio da cidade e começaram a pregar ao povo. Um grande número de índios rapidamente acorreu à rua para ouvir as instruções dadas pelos estrangeiros. Muitas coisas que eles disseram eram profecias sobre o que nos ocorreria no futuro.

“A coisa que mais me impressionou”, disse ela, “foram os relatos que fizeram concernentes a nossos ancestrais, que uma vez possuíram o verdadeiro Evangelho de Jesus Cristo. Eles o haviam perdido por sua fraqueza e apostasia, e como resultado, o evangelho foi tirado desta terra. Eles disseram que Deus tinha feito com que o verdadeiro evangelho fôsse restaurado na terra outra vez, e que em um futuro próximo seria trazido ao nosso povo. Esses dois mensageiros disseram que nós seríamos capazes de reconhecer o verdadeiro evangelho de Jesus Cristo quando êle viesse, e o sinal pelo qual reconheceríamos sua veracidade seria que jovens rapazes, viajando dois a dois, o trariam para nós.”

Alguns anos passaram-se e ela desabrochou numa mulher. Finalmente os missioná-

rios Mórmons vieram a Quezaltenango. Observando-os e ouvindo as coisas que êles pregavam, ela lembrou-se das profecias feitas pelos dois mensageiros quando ainda era pequena. Ela lembrou-se de que o testemunho do verdadeiro evangelho seriam homens viajando dois a dois, e êsses missionários Mórmons preenchiam completamente as predições. Por esta razão ela os convidou à sua casa, e da bôca dos missionários recebeu o evangelho.

Essa índia fêz nascer um grande e fervoroso testemunho em mim, de que ela sabia que êsses missionários tinham trazido a ela o verdadeiro evangelho de Jesus Cristo. Ela disse:

“Eu sei que Deus mandou aquêles dois estrangeiros, seus mensageiros, a Quezaltenango para preparar os corações e as mentes dos Maya-Quichés dessa parte do país para que pudessem receber o evangelho de Jesus Cristo. Eu e um grande número de nosso povo que vimos aquêles mensageiros e ouvimos suas predições somos agora Mórmons.”

Pedi-lhe então que me desse o nome dos outros Lamanitas que estavam presentes quando os dois mensageiros visitaram Quezaltenango, e ela me deu. Mandei um dos missionários, o Elder Supervisor verificar com êles a história que ela nos havia relatado. Êsses outros índios também deram semelhante descrição dos dois altos e brancos estrangeiros que, há alguns anos atrás visitaram Quezaltenango.

Em janeiro passado (1959), eu fui novamente designado para, em companhia do Presidente e Sister Wagner, ir à Missão da América Central. Sister Hunter acompanhou-me nessa missão.

Logo depois de têmos chegado à Cidade de Guatemala o Presidente Wagner contou-nos alguns acontecimentos muito importantes que haviam ocorrido na vida de um certo homem Maya-Cakchiquel, chamado Daniel Mich. Êsse bom lamanita ou índio tinha-se afiliado à Igreja um pouco antes de nossa chegada na Guatemala. Depois de tornar-se membro da Igreja de Jesus Cristo dos Santos dos Últimos Dias e antecedendo à nossa chegada na Missão Americana Central, o Irmão Mich veio a Guatemala e assistiu a uma reunião sacramental. Êle ganhou seu testemunho nessa reunião e contou a maravilhosa história de suas experiências as quais desejaria relatar a você hoje. Descrevendo a história de Daniel Mich e suas experiências, o Presidente Wagner disse:

“As lágrimas rolaram pelas faces do Irmão Mich. Não havia uma só pessoa na sala com os olhos enxutos. O Espírito de Deus habitava ali em grande abundância.”

Daniel Mich morava em Patzicia, Guatemala, uma pequena cidade não muito distante do Lago Atitlan. Alguns anos atrás uma rebelião índia contra os oficiais do govêrno, que eram principalmente descendentes de espanhóis, teve lugar em Patzicia. Os oficiais do govêrno deliberaram aplicar a pena de morte a todos os índios que participaram da rebelião e, principalmente, aos que a instigaram.

Daniel Mich não havia tomado parte na rebelião; contudo os oficiais acharam que êle era culpado. O Espírito de Deus aconselhou-o a fugir, juntamente com seu irmão, para as montanhas e esconder-se em um determinado lugar. Se não o fizessem seriam mortos. Êles fizeram o que o Espírito havia inspirado, e chegando ao local que lhes havia sido indicado, no qual ficariam escondidos, deitaram-se nos rochedos e olharam os precipícios. Abaixo podiam avistar os oficiais procurando-os ao longo das montanhas.

Um grande número de índios havia sido capturado e morto. Daniel Mich e seu irmão ficaram foragidos durante dois anos, mas finalmente foram também capturados. As condições tinham mudado durante os dois anos que os irmãos Mich passaram foragidos, e assim não foram mortos mas apenas jogados em uma prisão. Por quatro longos anos mofaram na prisão, debaixo das mais terríveis condições. Suas roupas apodreceram, o lugar de dormir era muito apertado e a cela infecta e fria. Os guardas da prisão davam pouquíssima alimentação aos prisioneiros, e de fato, êles estavam praticamente morrendo de inanição. Para piorar ainda mais a situação, Daniel Mich recebeu recado de sua espôsa que ela e sua criancinha estavam quase mortas de fome. Durante os seis anos que durou sua fuga e prisão, êles não puderam gozar a vida no lar.

Em desesperação, e por certo com grande tristeza, Daniel Mich ajoelhou-se e orou a Deus, rogando que o Pai Eterno fôsse misericordioso com êle e o deixasse morrer. Êle também pediu que o Senhor estendesse sua misericórdia sôbre sua espôsa e filho, para que o livrasse e aos de sua família das misérias e sofrimentos que estavam passando.

Mas Deus não os deixou morrer. Ao contrário, Daniel Mich teve uma visão, um sonho, ou o que quer que isso possa ser chamado, em que estava subindo uma íngreme mon-

tanha num determinado caminho. Chegou a um lugar onde a trilha se dividia em vários caminhos. Um homem parado em uma trilha disse: "Segue-me".

Daniel Mich respondeu: "Não, eu não posso segui-lo. Preciso prosseguir nesta trilha, diretamente para a frente."

Andou mais um pouquinho e outro homem parado do outro lado disse-lhe, "segue-me".

E novamente Daniel Mich respondeu, "Não, eu não posso, preciso seguir em frente". Essas experiências repetiram-se umas três ou quatro vezes mais.

Daniel Mich explicou: "Alcansei por fim o cume, e lá, parado diante de mim, estava um homem alto e simpático, com lindos cabelos brancos, e Ele possuía um brando sorriso. Esse homem disse-me: "Daniel, segue-me". Eu respondi; "Eu seguir-lhe-ei", porque quando proferia essa resposta, o Espírito de Deus disse-me: "Esse homem tem a verdade".

Pouco tempo depois de ter tido tal sonho ou visão, Daniel Mich e seu irmão foram libertos da cadeia. Eles voltaram às suas casas. Brevemente depois disso, e talvez cêrca de um ano antes de minha visita à Guatemala, os missionários vieram a Patzicia, justamente à cidade do Irmão Mich. Não fazia muito tempo que estvam trabalhando lá quando um dia o prefeito da cidade mandou-os chamar em seu escritório. Quando os missionários chegaram, viram uma grande multidão de índios, talvez uns 200 ou mais, reunidos em frente ao paço. À sua aproximação, de acôrdo com as descrições dadas pelos missionários, "A multidão abriu-se como o Mar Vermelho abriu-se para os Israelitas passarem. Nós andamos entre duas colunas de índios e entramos no escritório do prefeito."

Os Élderes disseram ao prefeito: "O senhor mandou-nos chamar?"

"Sim, mandei", foi a resposta.

"O que deseja o senhor?", perguntaram.

O prefeito respondeu, "Tenho aqui em minha frente uma petição assinada por duzentos cidadãos de nossa comunidade, na qual eles pedem que vocês, rapazes, deixem imediatamente a cidade e cessem de ensinar sua religião aqui. Vocês irão?"

"Não, senhor, nós não iremos", responderam os missionários. "Não deixaremos esta cidade até que nosso presidente da missão ordene que o façamos."

Os Élderes ficaram silenciosos por alguns minutos na sala de audiências do prefeito, e então um deles perguntou, "O que pretende fazer o senhor?"

O prefeito respondeu: "Não sei".

Por conseguinte um dos missionários sugeriu que êle telefonasse ao governador, e talvez o governador pudesse instruí-lo. O prefeito imediatamente tocou o telefone, chamou o governador e explicou a situação.

O governador replicou enêrgicamente: "Deixe êsses Mórmons em paz. Eles têm o direito de ensinar sua religião na sua cidade como em qualquer outra da Guatemala, pois temos em nosso país a liberdade de culto".

Depois da resolução favorável sôbre o problema, os missionários deixaram o escritório do prefeito. Mais uma vez êles descrevem a multidão, dizendo que ela abriu-se como o Mar Vermelho para os Israelitas. Os Élderes passaram entre aquelas duas longas linhas de índios. Quando chegaram na extremidade da multidão, dois homens aproximaram-se e disseram: "Vocês poderiam vir à nossa casa e conversar conosco?" Um dêles era Daniel Mich.

Os missionários ficaram felizes e aceitaram o convite. Indo à casa de Daniel, pregaram lá o evangelho. Êle recebeu todos os ensinamentos com fé e sinceridade. Daniel recebeu três ou quatro lições quando um fato importantíssimo sucedeu. Um dia, no meio de uma das lições, um dos missionários abriu seu livro, e Daniel Mich viu uma fotografia de um homem alto e simpático, com lindos cabelos brancos.

O irmão Mich imediatamente exclamou muito excitado: "Êste é o homem! Foi êle quem eu vi!"

De certo os missionários gostariam de saber a respeito do que êle falava, e assim sendo, o interrogaram. Em resposta êle relatou-lhes a maravilhosa história que eu acabei de contar.

Então Daniel Mich perguntou: "Quem é êste homem cuja fotografia vocês têm nesse livro?"

"Seu nome é David O. McKay", responderam os missionários. "Êle é o Presidente da Igreja de Jesus Cristo dos Santos dos Últimos Dias, um profeta de Deus, vidente e revelador nos dias de hoje, sôbre a terra. Êle é o homem que tem as chaves do reino de Deus e situa-se como representante de Cristo na Igreja verdadeira e como líder, espalhando o verdadeiro evangelho pela terra".

Com a maior sinceridade Daniel Mich respondeu: "Eu sei que tôdas as coisas que vocês falaram são verdadeiras, e que vocês missionários têm o verdadeiro evangelho de Jesus

(continua na página 298)



Conferência no Pacaembú

Foi uma confusão de endereços trocados, olhos úmidos, extravios, apêtos de mão e o primeiro ônibus partiu. Aos poucos começaram a encher-se de silêncio, mas de um silêncio carregado de ecos, os alojamentos do Estádio Municipal do Pacaembú, que durante cinco dias abrigaram todo o entusiasmo e vitalidade dos jovens Santos dos Últimos Dias, reunidos na Terceira Conferência dos Jovens que a Missão Brasileira promoveu.

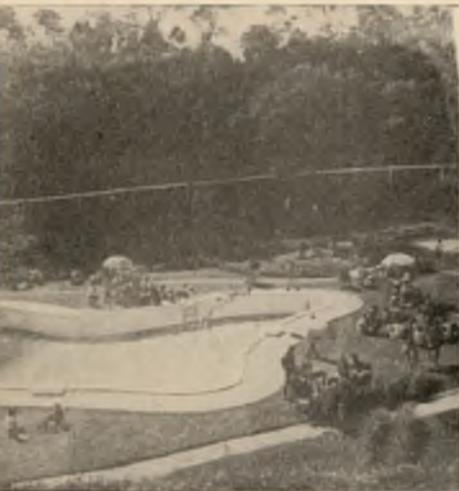
Podemos sensurar a esta 3.^a Conferência uma única coisa: o ter acabado. E as saudades que agora somos forçados a suportar. Todo o grupo reunido, 190 pessoas, e apenas uma opinião: Não houve senões.

Até São Paulo, sempre carraneado e um pouquinho ranzinza, foi “camaradão”, colaborando com um céu que, eu posso garantir, estava pintadinho de fresco, e muita, muita luz. Os paulistanos testemunham da raridade que isso representa, especialmente nesta época do ano. E, fato totalmente inédito, o elemento masculino registrou desta vez uma forte preponderância, pelo menos numérica...

Tudo começou com aquela ordenada desordem que é o trabalho de registro e enquanto os líderes se entendiam com os diversos comitês, lá na recepção, seus fogosos liderados apostavam corrida pelos quatro lances de escada que conduzem aos dormitórios. Era pura animação mal contida.

Ninguém ficou intimidado e uma boa camaradagem começou a se esboçar desde o primeiro momento. As palavras de boas vindas do presidente do comitê, Elder Frederico Maldonado Puertas, ou Irmão Maldonado para os mais íntimos — nós os 190 participantes da conferência — camuflaram com perícia severas instruções para o bom andamento de tudo. O Presidente Bangerter falou a seguir,





CONFÉRENCIA DE PURIFICAÇÃO

e sua habitual benevolência estava revestida de carinho quando salientou aos jovens os propósitos da conferência, e deu ênfase ao fato de que as demais pessoas da missão não gozam do mesmo privilégio que os jovens, e êle considerava uma bênção encontrar assim reunidos, membros de quase todos os ramos.

Retirou-se cêdo, e no dia seguinte soube-mos o porque. Daqui a pouco descobrirão.

Depois dêle, o popular Elder Gert Folz apresentou o tema da conferência, "Juventude, símbolo de Pureza", e se êle se saiu muito bem do encargo, podemos dizer, pudera com um tema como êsse!

Logo depois o jantar. Não é possível ficar dizendo, ótimo, excelente, magnífico para tudo. Seria um comentário muito presumido. Mas todos já sabem, não é?

E quem não gosta de um bailinho de confraternização, com caras novas e tudo? Havia



rostos a
nhos a
Igreja é

Ao
saram e
pectos r
escada,
o silênci
pôsto no

Ah,
ção para

Quin
tições es
sagrou a
feminina
de Camp
time de l
to a ope
troféu.

Nêss
horas liv
vários lu

Enq
sobre cas
de cuja
Socorro,
forme pla
dicava a
pôso-pres
contribui
ção da Ig
tinha pre
prossegui
pátio qu
tão femin
cionaram
ro da Mis



da Missão Sul. Eles são iguaizinhos e vieram para comprovar que a mesma em todo lugar.

me de recolher os pares se dispense quando encontrei quatro circunstâncias que, debruçados no patamar, davam obediência “observando conforme comandava o cartaz exarador.

noites no alojamento! É recordado muito tempo.

reira inaugurou a série de competições que depois de várias batalhas, esportistas de Ribeirão Preto campeões volei, o time de futebol de salão o melhor dos torneios, e deu ao basquetebol do ramo de Ribeirão Preto a oportunidade de abiscoitar um almejado

os visitantes ocuparam algumas horas visitando, em grupos organizados, pontos de São Paulo.

o os rapazes recebiam instruções de, as moças assistiam à reunião não foi incumbida a Sociedade de não vimos Sister Bangerter, condeado, pois por essa época ela se deu obra maior. Entregar a seu este e também à inteira missão, sua anual de um membro à congregação. Por isso o Presidente Bangerter no dia anterior. A programação portanto, e o comentário mais simpáticos e encantadores que nos proporcionaram os dirigentes da Sociedade de Socorro Brasileira, foi: “uma reunião bem





curta, mas nela, cada minuto revestiu-se de um valor inestimável para mim". Os homens mantiveram-se afastados, mas se vingaram à tarde, porque enquanto as moças recebiam suas instruções sobre castidade, tiveram a reunião do sacerdócio cujo andamento resultou completamente ignorado de nós as moças.

Depois do jantar, um show dirigido por Pedro Lappicirella demonstrou como podem os jovens Santos apresentar da forma mais favorável os seus talentos, proporcionando ainda momentos hilariantes a todos.

Quem sonhou muito com o dia do piquenique ainda ficou surpreendido. O local era encantador e o conforto dos maiores. A piscina estava praticamente vazia, com pouca água, mas isto nos valeu de diversão nas brincadeiras, especialmente quando um irmão mais afoito resolveu demonstrar suas qualidades de nadador, ensaiando um mergulho que lhe rendeu uma cabeça avariada.

E o concurso de Evangelho, logo após o retôrno, colocou diante de uma severa assistência sete pares de pernas meio bambas e muito susto.

No fim tudo deu certo, e todos ficaram felizes com o resultado pois o Mario Yoshida alcançou o prêmio maior. O sucesso desse concurso foi devido ao à vontade com que o Elder Helio Camargo conduziu, de sua posição de mestre de cerimônias, todo o programa.

Já antegosando o sabor do grande baile de encerramento, os irmãos compareceram ao salão do restaurante, no sábado à tarde, para assistirem aos programas combinados da A.M.M. e do Concurso de Oratória. As competições são muito proveitosas, qualquer que seja sua natureza, mas esta pôs nervosa muita gente de nervos de aço. A irmã Diva Ferreira recebeu o troféu do primeiro lugar, e o irmão Níveo Alcover a medalha a que fez jus como segundo colocado.

Daí por diante todos já começaram a sentir o cheirinho do fim, pois não pode ser apenas o entusiasmo normal dos jovens Santos o que ocasionou a enxuberante animação do baile. Era como se rindo e brincando muito, pudessem impedir a Conferência de terminar. Pessoas que nunca antes haviam dançado, ensaiavam os primeiros passos e, pelo menos todo mundo enfiou as inibições no bolso.

A entrega dos troféus homenageou com justiça o ramo mais disciplinado de todos os acontecimentos, Belo Horizonte, e como dizem as crianças, "acabou"!

Os profetas auguram um futuro promissor para a Igreja, aqui no Brasil, e quem ouviu nossa juventude a prestar seus testemunhos, na manhã seguinte atestaria desse fato com segurança. Com gente assim, é mais do que seguro o futuro da nossa Missão.

Depois, "Boa Viagem"!

Restam agora as recordações e muita gratidão. E a esperança de outra Conferência. Aos líderes dos comitês, ao Presidente Bangerter, a todos que por seu trabalho nos proporcionaram tal conferência, o nosso caloroso,

Muito obrigado.



De tôdas as influências educativas que se introduzem nas vidas daquêles que esforçam-se por exaltar-se espiritualmente, a do Evangelho de Jesus Cristo é preeminente. O evangelho ilumina nossa mente e alma e livra-nos da ignorância e das coisas terrenas. O conhecimento da divindade do Salvador empresta um toque sublime à vida dêste mundo. O desejo de exaltação eterna dá-nos fôrças para sobrepujarmos tôdas as nossas fraquezas, purificarmo-nos e ascendermos sôbre tudo o que é inferior e vulgar. Conhecer o evangelho ajuda-nos a conhecer a forma espiritual à qual tôdas as coisas estão subordinadas. Ninguém pode ser completamente culto se não o é espiritualmente. A Sociedade de Socorro traz a seus membros a influência educativa do Evangelho de Jesus Cristo. A Sociedade de Socorro dá a inspiração, a qual tem o dom de impeller as irmãs a aprenderem e viverem os mandamentos de nosso Pai Celestial. Um dos maiores propósitos desta organização, e uma constante direção dos profetas, é o de ensinar o evangelho e formar testemunhos.

A educação não é meramente relativa ao processo cultural e espiritual de uma só pessoa. Ela abrange todos os que são honrados, considerados e exaltados espiritualmente, admitindo a consideração de servir ao próximo. O autor Galesworthy descreveu uma vez certo amigo como uma pessoa que tinha uma verdadeira cultura, pois que nada podia fazer sem pensar em ajudar o próximo. Meditar sôbre as necessidades de alguém e ajudá-lo, engrandece a alma. Compaixão é brandura, compreensão, simpatia e camaradagem em sentir o que é capital para aliviar a necessidade e a pobreza; tudo isto são sentimentos e ações que nos enriquecem a alma. O Presidente McKay definiu a essência da verdadeira cultura como sendo o princípio da consideração para com o próximo. Abnegação é um atributo de caráter que tôda pessoa realmente educada possui.

A Sociedade de Socorro através de sua longa história sempre teve em mente servir a Deus servindo às suas criaturas. Os membros da Sociedade de Socorro têm em seu próprio lema, "A CARIDADE NUNCA FALHA" uma realidade vivificante, em constante esforço a serviço da vida.

Esta grande, a maior sociedade de senhoras do mundo, dá a cada membro a oportunidade de servir em nome da Sociedade e encoraja as irmãs a desenvolverem hábitos de be-

(continua na página 302)

A Influência

Educativa

da

Sociedade de Socorro

FÉ, ESSA CONQUISTADORA

(continuação da página 283)

os animais pilhados. Eu deveria ainda convidar os Moquis a mudarem-se para a nossa região.

Nós não conseguimos recobrar os cavalos. Os Moquis nos informaram de que o velho e amigável Spaneshanks havia sido rejeitado por seu bando, e seu filho o sucedera como chefe, estando disposto a aproveitar qualquer brecha para pilhagem.

Por tais motivos, consideramos inútil e até arriscado penetrar seus territórios. Tivemos um encontro na vila Oriba, uma das maiores aldeias Moquis, com o homem mais importante do lugar. Foi uma entrevista interessante.

Nós lhe dissemos que não esperávamos visitá-los muitas vezes mais, naquêle local onde estavam estabelecidos, e desejávamos que atravessassem o rio, em direção a nossas terras, para viver conosco e construir vilas e povoados iguais aos das demais pessoas.

Ainda uma vez êles nos afirmaram que não poderiam abandonar sua localização atual até que os três profetas que os haviam conduzido à região reaparecessem, indicando-lhes o que fazer. Predisseram que nosso povo ainda se mudaria para a terra ao sul dali, e viajaria em vagões, pelo curso do Little Colorado acima.

Além de suas tradições contra a travessia do grande rio, não podiam ver utilidade em se removerem dali com as famílias, indo viver conosco, quando nós próprios ainda acabaríamos nos instalando em sua região. Ficaram em ansiedade, temendo que nos zangássemos com êles, porquanto desejavam ser amigos, e esperavam que continuássemos a fazer-lhes algumas visitas de vez em quando.

No retôrno, fomos desapontados, não encontrando água em dois lugares onde sempre havíamos conseguido abastecimento, em viagens anteriores. No segundo local, acampamos para passar a noite. Devido à sêde, nossos animais ficaram inquietos, e nós os atamos e guardamos até o amanhecer.

A água mais próxima distava dez milhas dali, sôbre um deserto arenoso, absolutamente fora de nossa rota, ou seja, precisaríamos viajar umas vinte milhas em busca de água, para então alcançar de novo a trilha.

Prosseguindo na rota, o ponto de água mais próximo estava há aproximadamente dois dias de viagem, porém tanto homens quanto animais já se sentiam desesperadamente extenuados.

Eu subi a uma colina próxima ao acampamento, e inquiri fervorosamente do Senhor, em meu coração, o que deveria fazer sob as difíceis circunstâncias. Nêsse ato, olhei em direção ao rio Colorado, há quarenta milhas dali, e vi uma pequena nuvem, aparentemente do tamanho de um chapéu. Ela cresceu com rapidez, e pareceu-me que não se decorreria uma hora antes que nos envolvesse uma forte tempestade de neve. O gêlo depois de derretido correu para as cavidades das rochas, e logo houve abundância de água.

Prosseguindo na jornada, encontramos o campo completamente sêco, há menos de uma milha e meia do nosso acampamento.

Eu agradei ao Senhor, pois nos havia enviado socorro em nossa aflição, mas alguns do nosso grupo pareciam não haver notado a mão do Pai no acontecimento.

Com o outono de 1865, o Dr. Whitmore e eu fizemos uma viagem a Nascentes de Las Vegas e Rio Colorado, visitando depois os índios das Ilhas Cottonwood e os mohaves.

No inverno que seguiu o nosso retôrno, o Dr. Whitmore e seu pastor, o jovem McIntyre foram mortos pròximamente a Pipe Springs, umas cinqüenta e cinco milhas a leste de São George, pelos navajos que além disso, também deram fim a todo o seu gado e ovelhas.

Eu saí atrás dêles junto com uma companhia, mas fiquei doente, retornando a casa.

Parei pela noite numa construção deserta, à beira da estrada, sem víveres, alojamento ou fogo. Na primeira oportunidade, mandei recado à família sôbre minhas condições, e alcancei a cidade de Washington, vinte milhas a leste de Santa Clara, onde parei completamente extremunhado.

Dentro de um ou dois dias minha espôsa, Louise, chegou com um vagão no qual levou-me para casa. Estive com a saúde muito abalada pelo espaço de um ano, ao ponto, de em certa ocasião, os amigos acharem que eu estava morrendo. A princípio eu lhes disse que ansiava mesmo por que isso fôsse verdade, pois já lhes pesava há quase um ano, mas meus filhos pequenos chorando ao redor de mim, levantaram em meu íntimo o problema. Que será dêles se eu fôr levado? Não me era possível suportar o pensamento de deixar a família em tão precária situação.

E então, eu pedi a Deus, o Eterno Pai, em nome de Seu Filho, Jesus Cristo, que prolongasse os meus dias sôbre a terra, e eu trabalharia pelo soerguimento de Seu reino.

Pouco tempo depois, senti fome e pedi algo para comer. Fui informado de que eu nada havia comido pelo espaço de dois dias. Trouxeram-me alguma carne cozida e um pouco de chá, porém pareceu-me nunca haver comido antes qualquer coisa que soubesse tão bem. A partir de então recobri-me gradativamente.

Na primavera e verão de 1867 fui chamado para visitar os bandos de índios do leste dos povoados de Rio Virgem, e outros mais a norte. Numerosas povoações haviam sido evacuadas em Sevier River, e era preciso que a animosidade dos índios fôsse aplacada, de forma a permitir a sua restauração.

Viajei setenta e cinco milhas para leste, onde se localiza presentemente Kanab. Após juntar ao redor de mim alguns índios, e plantar um pouco de cereal e vegetais, circundei a borda do vale, em direção ao norte, e penetrei na baixa bacia do Sevier.

Eu visitei os vários lugares onde os índios se agrupavam em grandes grupos, e mantive com êles longas palestras que pareceram surtir bom efeito. Apesar de alguns bandos serem considerados hostís e perigosos de se visitar, eu sentia que estava trabalhando pelo bem, e nada tinha a temer.

No outono de 1867, assim que as águas do Colorado baixaram o suficiente para que os navajos as atravessassem, comecei a trazer sob constante vigia as fronteiras orientais do Utah Meridional. Encontrei-me com um grande número de Piutes quando comecei a penetrar a região. Êles disseram haver sonhado que eu estava entrando em seus territórios e se propunham a me auxiliar na guarda da fronteira, no que acabaram realmente por demonstrar uma grande utilidade vigiando os passos, e derrubando e atingindo diversos incursores.

O ano de 1868 se desenrolou para mim com as mesmas atividades do de 1867, visitando os índios do Utah Sul-Oriental e cultivando a paz entre êles.

Em outubro de 1869, fui novamente designado para visitar as cidades Moquis, conversar com o povo e descobrir, se possível a existência de outros índios, além dos navajos assaltando nossas fronteiras.

Parti com uma companhia de quarenta homens, vinte Irmãos e vinte Piutes. Atravessamos o Colorado onde se localiza agora Lee's Ferry, e rebocamos tôda a nossa bagagem em tôscas jangadas.

A alcançando as aldeias Moquis, pareceu-me

perceber certa frieza na recepção que alguns nos proporcionaram, mas os antigos conhecidos informaram-me de que os navajos tencionavam tentar nova investida sobre nosso povo, dentro em breve. Portanto, decidi encetar e retôrno imediatamente.

Ao deixarmos as aldeias, tive uma forte inclinação de seguir a antiga trilha Ute, atingindo o rio trinta milhas acima do ponto atravessado na vinda. Alguns da companhia se objetaram a isto, ocasionando muitas dificuldades na jornada.

Quando alcançamos a encruzilhada, eu disse à companhia que não sabia porque, mas estava seguro de que era nosso dever prosseguir pela velha trilha Ute. Fiquei bastante surpreso ao compreender que mais da metade dos irmãos estavam decididos a não seguir aquêlle caminho. Eu lhes afirmei que se algo me era dado conhecer acêrca dos intentos e desejos do Senhor, deveríamos seguir a velha rota.

Os Piutes, num só desejo, prontificaram-se a me acompanhar, qualquer que fôsse a trilha proposta. Os irmãos, no entanto, adiantaram-se pela rota inferior, e nós seguimos atrás dêles, porém assegurei-lhes que nossa missão entre os Moquis fôra um completo fracasso. Alcançando o lar, fomos informados de que os navajos haviam pilhado de surpresa os povoados do norte, roubando de mil e duzentas a mil e quinhentas cabeças de animais, entre os quais valiosos cavalos e mulas.

Mais tarde os Piutes nos informaram de que se a companhia tivesse tomado pela trilha Ute, haveríamos encontrado os incursores com todos êsses valiosos animais, nas planícies abertas, após terem atravessado o rio. Senti-me vexado por não haver tomado comigo os Piutes, salvando assim, para nosso povo, êsse gado precioso.

Dormi ao relento, durante muitas noites geladas, no inverno de 1869-70, vigiando e guardando com os Piutes. Um navajo foi atirado umas duzentas ou trezentas jardas adiante de seus companheiros, quando roubava um pequeno bando de cavalos. Os assaltantes muito amedrontados desfizeram-se de sua bagagem e pediram que os Piutes os deixassem ir para casa. Êsses consentiram em sua volta, contanto que abandonassem ali tudo o que traziam consigo. Êles aceitaram prazerosamente os têrmos, e isto teve lugar no Pahreah Passo, umas vinte milhas a leste de Kanab.

O navajo que fôra atirado estava apenas ferido. Eu segui suas pegadas, no dia seguin-

(continua na página 296)

IDE POR TODO O MUNDO

A atividade na Igreja é o meio de proporcionar salvação a tôdas as almas. Já é tradicional para nós, Santos dos Últimos Dias, considerar confiantemente tôdas as espécies de serviços na Igreja, pois estamos assim estabelecendo e construindo o Reino de Deus aqui na terra.

Uma das fases mais importantes de tôda a nossa atividade na Igreja é a do trabalho missionário. Durante anos a ida para a Missão tem sido para muitos rapazes a esperança



de fazer uma grande contribuição para a Igreja, pregando a mensagem do Evangelho àqueles que não o possuem, e, conseqüentemente, desenvolvendo em si mesmos a fé, o testemunho e a larga experiência que só uma missão pode dar.

SACERDÓCIO NAS MISSÕES

Mas há algumas famílias que permitem aos seus rapazes crescer sem esta tradição em mente. Porque o pai ou a mãe não puderam servir na missão, descuidam-se de plantar nos corações dos seus filhos o desejo de nelas poder trabalhar. Isto é uma infelicidade, porque todo rapaz, e ainda algumas moças, poderiam gozar essa oportunidade.

Pensando nisso, é importante que nós construamos uma tradição missionária em tôdas as unidades da Igreja, uma tradição que resulte no chamado de todos os rapazes dignos e qualificados para o serviço missionário integral. Há uma estaca no Vale do Lago Salgado que tem aproximadamente 6.000 membros e mantém perto de 100 missionários no serviço integral, constantemente. Há outras estacas, em condições idênticas, com grandes possibilidades econômicas, mas que não mandam tantos missionários quanto aquela. Existem algumas nas quais todo irmão ao atinja 20 anos sai virtualmente para a missão, pelo período de alguns anos. Há outros wards nas mesmas condições, onde mais de um terço dos rapazes recebe chamada para o exterior.



O que poderá ser feito nas diversas unidades da Igreja, para se desenvolver uma consciência missionária e uma tradição que resultarão no chamado de missionários em maior número e mais bem qualificados?

Primeiramente certos planos devem ser observados: 1 — Todo rapaz digno e qualificado será chamado para a missão quando êle

(continua na página 299)

Preparado como um suplemento à mensagem dos mestres-visitantes de Outubro de 1960.

A busca da exaltação é uma empresa difícil. Muitas coisas se requerem do homem. O Senhor, sendo justo, exige o mesmo de todos nós. A fé é o início, o primeiro princípio do evangelho. Quando ela tiver sido obtida, espera-se que nos arrependamos, e repudiemos os aspectos de nosso caráter e hábitos que não se harmonizam com as verdades reveladas do evangelho. Devemos realizar boas obras; submeter-nos a certas ordenanças de salvação. Se fizermos essas coisas, e permanecermos até o fim, obteremos a exaltação — através do sacrifício de nosso Salvador, sem o qual tudo isso seria com “símbalos sonoros e símbolos altissonantes.”

O batismo é uma dessas ordenanças que são requeridas de nós. Ela antecede a terra em origem, e tem estado com a raça humana desde o seu início. (Pérola de Grande Valor, Moisés 6: 64-68). Foi praticada durante o Meridiano dos Tempos e restaurada como parte do evangelho nos últimos dias. (D. & C. 13).

Mesmo Cristo, o único ser sem mácula a habitar esta esfera, submeteu-se a essa ordenança para que pudesse “cumprir tôda a lei”, estabelecendo um exemplo para nós. Ele tornou claro, através de seu ato, e seus santos profetas e apóstolos, antes e depois d’Ele o têm confirmado por palavras e atos, que êste é um requisito universal... e mesmo um requisito antecipado para a salvação de todos... para o qual não pode haver exceção, excluindo-se aquêles que não atingiram a idade estabelecida.

Alguns parecem objetar-se à importância dada pelo evangelho a essa ordenança. É, (dizem) físico, simbólico, superficial, frívolo. É, físico e simbólico. Muitos aspectos do evangelho referem-se a coisas materiais bem como espirituais. A crucifixão de Cristo foi profundamente, e em todo o sentido, tanto física como espiritual. O Batismo é físico; é também espiritual.

O Batismo é simbólico. A origem de seu símbolo não repousa porém na falível mente humana, senão na sabedoria da Dêiade. Seu significado ultrapassa o simbólico. É conhecido que não alcançamos em seus particulares o completo significado da ordenança; nem lograremos conhecer. Mas sabemos e compreendemos que o Senhor espera que todos sejamos batizados. Seria tolice de nossa parte insistirmos em desejar uma completa compreensão disto, antes de colocarmo-nos em condições de merecer as bênçãos destinadas ao obediente; nós não conseguimos isso nem mesmo na vida diária — quantos conseguimos compreender perfeitamente tôdas as maravilhas científicas que tanto enriquecem e estendem nossa vida?

O Batismo não é superficial nem frívolo. É, ao contrário, profundo e significativo; mais do que às vêzes consideramos.

E o que dizer daquêles que já foram batizados, que já principiaram êsse importante passo? Será êsse o fim? Estaremos realizados com o cumprimento de apenas êsse mandamento? Não! Ser batizado, é algo que apenas fazemos uma vez; há contudo, certas responsabilidades que possuímos em relação a êsse mandamento, que devem ser levadas a cabo após a ordenança. Elas incluem:

- 1) Estudo e Prece para atingirmos uma melhor compreensão e apreciação da ordenança.
- 2) Renovação de nossos convênios através de partilharmos do Sacramento.
- 3) Encorajar outros ainda não batizados a darem o mesmo passo através de palavras e atos.
- 4) Participando da obra pelos mortos. Êstes, também, necessitam batismo e tôdas as outras ordenanças da salvação.

FÉ, ESSA CONQUISTADORA

(continuação da página 293)

te, para ver o que fôra feito dêle. Descobrimos o local em que havia sido apanhado por seus companheiros que o levaram umas duas ou três milhas adiante. E próximo a êle estava um outro acampamento de assaltantes.

Um dos Piutes que estava comigo, pela ocasião, e que em sonhos tinha sido mandado me seguir, atirou em dois índios dêsse grupo, escalpelando depois um dêles. O outro possuía cabelo castanho, e portanto êle não ousava escalpelá-lo, por parecer-se demais com um branco.

Em outra ocasião, quando o Capitão James Andrus, com uma companhia de homens vindos de São George, nos visitava, alguns animais passaram por nós durante a noite, e pareceu-nos ver com êles três navajos.

Nós os seguimos um certo dia. Tomando por uma rota circular, pudemos alcançá-los sem ser observados. Alguns da companhia dispararam antes que os outros estivessem preparados, e dois assaltantes caíram; os outros, rápidos como o pensamento, conduziram os

cavalos sôbre um escalpado picio rochoso, onde conseguiram abrigo, podendo defender os animais sem expor-se.

Nós procuramos aproximar-nos dêles, mas sem resultado. Atiraram em mim diversas vezes, assim como em várias pessoas da companhia. Certa hora eu estava escondido atrás de uma árvore, quando um navajo rastejor atrás de uma fenda arenosa, fazendo fogo sôbre mim, e a bala passou roçando por sôbre minha cabeça.

Compreendemos que os índios estavam em posição vantajosa e deixamo-los, apenas recuperando um dos cavalos. Os navajos retiraram dez cavalos e perderam três homens.

O Capitão Andrus e a companhia retornaram a São George, deixando os Irmãos John Mangum, Hyrum Judd, Jehiel McConnell, meu filho Lyman, e eu próprio com os Piutes para guardar as fronteiras, como o havíamos feito através de todo o inverno.

Essa estação hiberna de 1867-70 foi de grandes vicissitudes para os poucos irmãos que, juntamente com os Piutes vigiavam as fronteiras.

(continua no próximo mês)

O PODER DA TRADUÇÃO

(continuação da página 281)

quente que ia tomar no seu desjejum, teve uma idéia que se traduziu no telhado oval do Tabernáculo de Lago Salgado que não exigiu assim, na sua construção, suportes internos. Knute Rockne traduziu o ritmo e a harmonia de movimento de uma fileira de coristas na simetria e fôrça do seu famoso "backfield" grupo de defesa conhecido pelo nome de "Os Quatro Cavaleiros". As mesmas idéias que levavam as pessoas ao teatro tôdas as noites foram usadas por Mr. Rockne para atraí-los ao estádio tôdas as tardes de sábado. Os maiores inventores, escritores, pensadores e leitores são aquêles que têm a capacidade de adaptar as melhores idéias do maior número de fontes e torná-las assim produtivas em seus próprios trabalhos. Aquêles que tentar construir seu sucesso dependendo sômente de suas idéias originais terá de enfrentar um número incalculável de obstáculos. Esta idéia poderá ser ilustrada por uma conversação entre Thomas A. Edison e o governador da Carolina do Norte. O governador estava cumprimentando o

Sr. Edison pela sua capacidade de grande inventor.

"Mas, eu não sou um grande inventor", disse Edison.

O governador disse, "Mas, o senhor possui mais de mil patentes a seu crédito, não é mesmo?"

"Sim, mas a única que posso realmente considerar como absolutamente original é o fonógrafo," foi a resposta do inventor.

"O que precisamente quer o senhor dizer com isto?" perguntou o governador.

"Bem", explicou Edison, "Eu me considero uma esponja muito boa. Eu absorvo idéias de tôdas as fontes possíveis, e em seguida tudo o que faço é pô-las em uso prático. As idéias que emprego são, na maioria, idéias de pessoas que não as desenvolvem por si mesmas."

Era esta pois, uma das qualidades do grande inventor. Mas é também uma das qualidades de um grande líder. E isto se refere particularmente aquêles que trabalham na Igreja. Um professor que não está familiar-

zado com os métodos e as idéias dos mais modernos educadores nunca poderá ser considerado num nível elevado. Nós queremos professores que também estejam familiarizados com as pesquisas dos principais professores universitários, mas um bom professor também precisa ser capaz de aproveitar as experiências diárias para traduzí-las em caráter, ambição, e retidão como fez “o Grande Mestre.”

Jesus foi por si mesmo um grande tradutor. Ele tinha a grande capacidade de empregar na melhor das finalidades tudo o que via ao redor d'Ele. A parábola foi um dos mais importantes métodos de ensinamento de Jesus. A lista completa de suas parábolas poderia muito bem ser classificada sob o título de tradução. Ele usou as idéias que o povo compreendia para esclarecer as verdades que queria que eles compreendessem melhor.

Por exemplo, a parábola do semeador foi explicada a um grupo de pessoas familiarizadas com o trabalho do fazendeiro. Jesus explicou-lhes que não deveriam plantar as sementes em sólo áspero, e nem deveriam permitir que os espinhos sufocassem as plantinhas delicadas uma vez que elas começassem a crescer. Esta idéia com a qual eles estavam familiarizados foi assim facilmente transformada em uso próprio para o estímulo de seus interesses próprios. Com grande efeito ele tirou ensinamentos das experiências do filho pródigo, e do bom Samaritano e das virgens tôlas. Jesus transformou as coisas mais comuns em algo elevado e belo.

Ele é o melhor exemplo de grande liderança e nós deveríamos seguir seu exemplo de como aprender tôdas as coisas que nos cercam. Quanto mais o homem fôr capaz, tanto melhor ele aprenderá sobre as coisas que lhe estão próximas. Mas o aprendizado não terá valor se não possuir uma aplicação prática. Pois para aquêles que podem enxergar além do mero acontecimento, haverá sempre “línguas nas árvores, livros em riachos que correm, sermões em pedras, e o bom em tudo.” (Shakespeare) Se nos faltarmos a mentalidade e o coração de um intérprete (tradutor), só veremos as pedras e perderemos os sermões. Com a mentalidade de um tradutor, o benefício das experiências mais comuns multiplica-se em nós mesmos. Ela nos liga com os outros elos importantes na corrente dos pensamentos construtivos.

Todos os ventos levam a embarcação a seu objetivo se as velas estiverem bem preparadas. Paulo disse, “Tôdas as coisas cooperam para o bem daquêles que amam a Deus.” (Romanos 8:28) Tudo possui algo para nos ensinar, se tivermos nossos olhos bem abertos e se nossas velas estiverem preparadas para que possamos tirar proveito de tudo. Assim, tôda experiência poderá ser considerada como nossa benfeitora. A doença é tão importante quanto a saúde; a morte é uma parte do plano divino tanto quanto o nascimento; a noite é tão necessária quanto o dia; a luta é de nosso interesse tanto quanto a facilidade. Um grupo de fatos ensina-nos a evitar; outro grupo de fatos ensina-nos o que fazer. Uma personalidade estável, bem-ajustada, e eficaz aproveita todos incidentes em experiências e transforma-os em atitudes, habilidades, hábitos, devoção, e outras qualidades de liderança e sucesso.

É possível para nós fazer no campo da liderança o que os alquimistas antigos não puderam fazer no campo da metalúrgia. Por muitos anos os alquimistas tentaram transformar os metais mais simples como ferro e chumbo em metais mais valiosos como ouro e prata. Nisto eles estavam fadados a fracassar. Mas existe uma espécie de alquimia espiritual que nos pode garantir um sucesso ímpar. Pois se o desejarmos sinceramente e se trabalharmos vigorosamente com a atitude acertada, poderemos conseguir a habilidade de traduzir tôdas as nossos experiências em algum bem.

Em sua história “The Great Stone Face” (A Grande Figura de Pedra), Nathaniel Hawthorne conta de um menino muito jovem que diariamente olhava para cima e admirava os traços nobres e os característicos bondosos de uma imagem de pedra ao natural, no lado da montanha, e a cada dia que passava, mais e mais ele ficava parecido com a imagem que admirava. Não somente nos traços da personalidade mas também em característicos pessoais. Este jovem teve a força de traduzir para seu próprio bem os fatores dignos da personalidade e as qualidades de caráter que identificou e admirou na imagem do lado da montanha. E isto ele tornou de proveito para outros através de sua própria vida.

Lincoln fêz a mesma coisa. Seus primeiros anos foram dedicados à leitura de bons livros, o mais importante dos quais foi a Bíblia, que pôde sempre ser depois identificada como uma parte do caráter de Lincoln. Uma das inúmeras

ras fontes de sua fôrça veio de um livro escrito sôbre a vida de George Washington. Lincoln adaptou os atributos de Washington, como o Ernesto de Hawthorne fêz com a "Grande Figura de Pedra", e assim poderemos fazer com tudo que nos cerca.

A Bíblia registra que o manto de Elijah caiu sôbre Elisha. O manto de Joseph Smith caiu sôbre Brigham Young. É de nossa responsabilidade procurar que o manto da liderança caia sôbre nós. O Senhor nos dará a fôrça da maior liderança se nós nos fizermos dignos das grandes lições que nos rodeiam.

Uma parte importante de nossa qualifi-

cação será desenvolver e usar êste dom e fôrça da tradução. Com tôda a experiência e tôda a imaginação nós deveríamos dizer: "Como irá isto me ajudar na obra do Senhor? Como poderei usar isto para construir minha fé e minhas atitudes? Como poderei usar os princípios do ensinamento eficaz e da boas relações públicas e do sucesso nos negócios para salvar as almas?" Um digno líder da Igreja é responsável por cada membro sob sua incumbência, responsável de verificar se êsse membro está qualificado para o Reino Celestial. E isto é um desafio ao nosso dom de tradução para a maior produtividade.

PROFECIAS E BÊNÇÕES PARA OS LAMANITAS

(continuação da página 286)

Cristo." Então êle perguntou: "Vocês sabem porque eu os convidei para virem à minha casa quando saíram da audiência com o prefeito?"

"Por certo nós não sabemos, mas, certamente gostaríamos de saber", responderam.

Daniel explicou: "Naquela vez em que o homem alto e simpático, com belos cabelos brancos — que vocês disseram ser o Presidente David O. McKay — apareceu, êle me disse: 'Daniel, segue-me', e o Espírito do Senhor me segredou: 'Êste homem tem a verdade'. O Espírito também disse: 'Dois jovens homens trarão a você a verdade'; e quando vocês chegaram recentemente a nossa cidade e começaram a pregar sua religião, fiquei curioso. Estive observando-os e investigando para encontrar tudo que pudesse a seu respeito. Quando os cidadãos de Patzicia assinaram a petição para expulsá-los da cidade, e quando vocês foram chamados para ver o prefeito, juntei-me à multidão em frente do paço, para ver o que iria suceder. 'E agora' 'tôdas as coisas em que acreditei foram comprovadas. Eu sei que David O. McKay é um profeta de Deus. E também sei que vocês têm a verdadeira religião de Jesus Cristo".

Estas duas importantes histórias demonstram que Deus está tocando o coração dos lamanitas, e que êles estão recebendo o evangelho. Êle está abrindo o caminho para o cumprimento das promessas feitas aos lamanitas ou índios pelos profetas do Livro de Mórmon.

O último encontro de nossa viagem missionária ocorreu em Chimaltenango, Guatemala, na tarde de 30 de janeiro de 1959. O trabalho missionário havia sido iniciado sômen-

te há dois anos naquêle distrito. Havia quatro cidades no distrito, e a Igreja contava 141 membros.

425 pessoas estavam presentes à Conferência, todos praticamente índios. Baseados na população da Igreja no distrito, calculamos uma porcentagem em presença de 300 por cento. Certamente cada mãe índia estava carregando seu bebê enrolado em um chale e amarrado ao corpo. A maioria das pessoas estavam descalças; êles eram humildes, tementes de Deus, fiéis, pobres em coisas materiais, mas ricos espiritualmente e no seu amor pelo Senhor.

O Irmão Daniel Mich de Patzicia estava presente. Nós o convidamos a falar. Quando eu ouvi seu testemunho que durou cêrca de 30 a 40 minutos e senti a influência espiritual de Deus que emanava dêle, pude entender porque o Senhor amava êsse humilde, inteligente e espiritualmente iluminado lamanita o bastante para proporecionar-lhe essas maravilhosas experiências que nos relatou. Eu lembrar-me-ei para sempre de nossa conferência em Chimaltenango, e do maravilhoso testemunho prestado pelo Irmão Daniel Mich de Patzicia, uma das cidades do distrito de Chimaltenango.

Estou convencido de que Deus amou aquêle povo.

Agora, irmãos, quero prestar meu testemunho. Eu sei que Deus vive assim como estou vivo eu próprio. Sei que Jesus Cristo é o Salvador do mundo. Sei que Joseph Smith é um dos maiores profetas que existiu sôbre a face da terra. Dou testemunho de que o verdadeiro evangelho de nosso Mestre foi restaurado sôbre a face da terra através dêle. Também testifico que cada um dos presidentes de nossa Igreja, de Joseph Smith até agora, têm tido as chaves do reino. Que todos, inclusive o Presidente David O. McKay

foram divinamente selecionados para ser presidentes da Igreja, sendo profetas, videntes e reveladores.

Eu sinto o que Daniel Mich explicou; sinto-me ansioso por seguir sempre o Presidente David O. McKay e fazer qualquer coisa que êle me peça. Oro a Deus para que possa sempre ter fôrças, fé e compreensão para poder seguir tôdas as coisas que êle me pedir, porque sei que não me dirá nada que resulte prejudicial para mim ou reverta em prejuízo de outras pessoas com as quais trabalho.

Eu exorto ainda, humildemente, a todos os

Santos dos Últimos Dias, a que tenhamos o mesmo espírito e testemunho que êsse humilde índio tem. Possamos nós todos seguir para sempre a liderança do Presidente David O. McKay e tudo o que êle nos pede para fazer. Nós aceitamo-lo como um profeta de Deus. Se nós fizermos tudo o que êle mandar, estaremos trabalhando para nossa eterna salvação. Possa isso ser a nossa boa sorte, e possa o Nosso Pai abençoar-nos com bastante fé e fôrça de caráter para guardarmos sempre os Seus mandamentos, eu peço humildemente, em nome de Jesus Cristo, amém.

SACERDÓCIO

(continuação da página 294)

completar vinte anos de idade ou pouco depois; 2). Um grupo selecionado de moças com 23 anos ou mais, e que não tenham nenhuma presente perspectiva matrimonial poderá ser chamado para a obra; 3). Alguns casais maduros e experientes, cuja família esteja criada, (e que talvez possua seu carro proprio, o qual poderão usar), serão chamados.

Para ajudar a criar a tradição do serviço missionário que nos obterá essa meta, algumas coisas podem e devem ser feitas pelos pais, presidentes dos ramos, presidentes dos distritos, oficiais auxiliares, líderes dos seminários, oficiais dos quoruns e outros oficiais dos distritos e ramos.

Certamente a construção de uma tradição e consciência missionária começa em casa. Os pais devem esforçar-se por fazer seus filhos jovens sentirem que repousa sôbre seus ombros uma responsabilidade: a de levar a mensagem da restauração aos outros filhos de Nosso Pai Celestial, e que o Senhor vai abençoá-los e dar-lhes prosperidade espiritual, intelectual, e educacional, num maravilhoso caminho, se forem servir nas missões.

Os jovens devem saber e acreditar no que o Senhor disse a alguns conversos da Igreja, nesta dispensação: "... e agora, eis que te digo que a coisa de maior valor para ti, será declarar arrependimento a êste povo, a fim de que possas trazer almas a Mim, e descansar com elas no Reino do Meu Pai." (D & C. 15: 6).

As orações no lar, assim como as orações interiores e familiares, devem conter uma diligente petição para que os membros homens da família tornem-se dignos e qualificados e possam receber chamados para servir nas missões. Discussões familiares durante o jantar, e durante as manhãs no lar, assim como em

outras ocasiões deverão girar em tórno da importância do serviço missionário. Devem ser contadas histórias que exaltem o espírito missionário, e as crianças podem começar desde cedo a guardar fundos para usar quando chamados para missões no estrangeiro. O evangelho deve ser estudado, lido o Livro de Mórmon e todo o programa da Igreja seguido com amor.

Tôdas as organizações da Igreja devem unir-se aos pais, ensinando aos futuros missionários o valor eterno das almas daquêles que ainda não receberam o evangelho.

"Lembrai-vos de que o valor das almas é grande na vista de Deus;

"Pois, eis que o Senhor nosso Redentor, padeceu a morte na carne; portanto, sofreu a dor de todos os homens, para que todos pudessem arrepender-se e vir a Êle.

"E ressuscitou outra vez dentre os mortos, para que pudesse trazer a Si todos os homens, sob condição de arrependimento.

"E como se alegra Êle com alma que se arrepende!

"Portanto, sois chamados para proclamar arrependimento a êste povo.

"E se acontecer que, trabalhades todos os vossos dias proclamando o arrependimento a êste povo, e trouxerdes a Mim mesmo que seja uma só alma, quão grande será a vossa alegria com ela no reino de Meu Pai.

"E agora, se a vossa alegria fôr grande com uma só alma que trouxestes a Mim no Reino do Meu Pai, quão grande será a vossa alegria se Me trouxerdes muitas almas!"

Cada Presidente de Ramo da Igreja deverá comandar uma ativa e enérgica campanha, não sômente para colocar cada jovem digno e qualificado no campo missionário, mas também para qualificar e assegurar o valor de cada um como irmão. Os jovens devem ser entrevistados freqüentemente por seus líderes, e particularmente quando êles estão para ser

Notícias do Sul:

A foto ilustra um flagrante da Primeira Reunião do Conselho Administrativo da Missão Brasileira do Sul, realizada em Curitiba no dia 11 de Junho, no "Castelo da Missão".

Nessa oportunidade reuniram-se em Curitiba diversos líderes da Igreja no Sul do Brasil, os quais têm parte ativa dentro do programa geral das organizações auxiliares da missão.

O Presidente Sorensen, com palavras instrutivas, explicou os objetivos desse Conselho, ao mesmo tempo dando a todos os líderes presentes uma palestra sobre liderança. Exortou a todos, que procurassem conhecer suas responsabilidades e materiais, e espalhassem entusiasmo. "Precisamos ver o dia de hoje, antes de vermos o amanhã e precisamos usar

das ajudas e instruções dos oficiais gerais de Deus," concluiu o líder da Missão Brasileira do Sul.



Na foto vemos, da esquerda para a direita; em pé: Oscar Piske, Presidente José Evangelista de Souza, Rubens Daniel Cavalheiro, Presidente Asael T. Sorensen, Elder Nelson C. Aidukaitis, Leuçim de Paula, Rosaldo Gaertner e Lineu de Paula. Sentados: Lorete Silva, Sister Ida M. Sorensen, Lurdes B. Reque e Balbina A. Gaertner

ordenados diáconos, mestres ou sacerdotes. Estas entrevistas devem ser de natureza preparatória, chamando a atenção dos jovens para o dia em que serão considerados prontos, procurando nas entrevistas, como que colocar a moral e outras questões em conexão com o possível serviço missionário. Os jovens bem como as pessoas idosas que não preenchem os requisitos de saúde para um trabalho físico rigoroso no campo missionário, podem bem ser chamados para servir na estaca ou nas missões regionais. Muitos jovens podem ganhar experiência missionária nas missões da estaca antes de receberem o chamado para o campo missionário de tempo integral.

Tôdas as organizações auxiliares devem dar ênfase ao espírito missionário. O curso de treinamento missionário da Escola Dominical, cursos similares na Universidade de Brigham Young e outras escolas da Igreja, treinamento de seminário e bastante estudo particular são todos de grande valor. Podemos cantar mais hinos missionários, como "Anciões de Israel", "Ó Vós que Sóis Chamados", e "Aonde Mandares Irei".

Os quoruns do sacerdócio devem treinar seus membros para o serviço missionário. Os membros dos quoruns deveriam estudar os vários itens da literatura sobre o proselitismo. Pode-se adquirir experiência em reuniões caseiras, trabalhando com os membros inativos.

Uma das mais necessárias ajudas que pode ser oferecida pelos quoruns é o apoio financeiro. Se os irmãos e irmãs não podem sustentar-se completamente ou ser sustentados por suas famílias, é conveniente que os quoruns do sacerdócio ou outros ajudem às necessidades, na medida do possível, porém não mais.

Os quoruns podem ajudar convenientemente aos seus próprios membros, ou aos membros da Igreja de outras regiões, e eles têm sem dúvida o convite da Primeira Presidência para contribuir a seus fundos missionários extra, utilizado para ajudar missionários em nações estrangeiras, cujas circunstâncias econômicas tolham a possibilidade de serviço missionário sem êsse auxílio.

Os missionários têm promessas de grandes recompensas. "E onde vos receberem aí estarei também", diz o Senhor, "pois irei diante de vossa face. Eu estarei à vossa mão direita e à vossa esquerda, e o Meu Espírito estará em vossos corações e os Meus Anjos ao vosso redor para vos suster.

"Quem vos recebe, a Mim Me recebe." (Ibid. 84:88-89) "...e assim, se fôrdes fiéis, sereis carregados com muitos molhos, e coroados com honra, glória e imortalidade, e vida eterna." (D. & C., 75:5).

SEU RAMO

RAMO DE LONDRINA

Na manhã deste maravilhoso domingo, dia 1.º de maio, realizou-se o batismo de nosso querido irmão Justino B. Silva. Nossas almas se rejubilaram com este tão belo acontecimento e pedimos ao Pai Celestial que o proteja eternamente.

Iniciou-se nossa Conferência do Distrito, no dia 4 de junho, com a peça "Louvai ao Senhor", programada e realizada pela A.M.M. Agradecemos sinceramente os esforços dos oficiais da A.M.M. e do Elder Nelson Aidukaitis, que levaram a cabo esta peça, a qual foi realizada às 20 horas na Faculdade de Direito da cidade. Contamos com a presença do Presidente da Missão Sul e sua família e nossos corações se alegraram com a plateia que assistiu a uma peça em que sentimos o Espírito do Senhor a influir nos atores. Rendeu-nos a peça cerca de 7.000 cruzeiros. Gostaríamos, acima de tudo, de citar o nome do nosso amigo Farid Rosa e sua esposa que muito nos auxiliaram para que esta fôsse uma noite de êxito completo.

Domingo, dia 5, foi um dia de acontecimentos agradáveis para o nosso pequeno ramo de Londrina. Foi ordenado Presidente da Missão Distrital o Irmão Irineu Silveira Petry. Sentimo-nos felizes com o progresso desse irmão temos certeza de que ele será um grande presidente. Nossos parabéns!

Tivemos também às 8 horas a reunião do Sacerdócio e às 10 horas abriram-se as reuniões públicas com bons oradores e com nossa capela pequena para tantos visitantes. Ao meio dia houve um almoço oferecido pelos membros do ramo. Havia muita coisa gostosa como maionese, pastéis, gelatina e bolos. A alegria e a fraternidade eram ainda maiores porque o Senhor estava conosco e isto podia-se sentir. Às 14 horas tivemos a sessão Missionária, onde os Élderes fizeram ótimos discursos. Após esta sessão encerrou-se a conferência e o Presidente Sorensen deu uma aula aos líderes do nosso Distrito.

No dia 12 de junho foi ordenado Presidente do Ramo de Londrina o nosso Irmão Valdomiro Menezes, e secretário o Irmão Oscar Bueno. Parabéns.

Eoremí Vincoletto

RAMO DE CAMPINAS

Após alguns meses sem mandar notícias para nossa "A Liahona", estamos felizes por saudar através deste órgão, a todos os ramos da Missão Brasileira, e testemunhar de nossa alegria, porque nós os Santos de Campinas, fomos bastante abençoado este mês, pois, no dia 25, às 14,30 horas, foi cavada uma porção de terra de nosso terreno aqui em Campinas, dando início à construção de nossa capela.

Na ocasião ouvimos as palavras inspiradas do Presidente Bangertter, que nos convidou a todos para darmos conta de nossa parte nesse trabalho tão importante, que será a construção de nossa capela.

Desde já estendemos convite a todos os ramos da Missão para assistirem a dedicação, que será muito breve.

No dia 26 tivemos a oportunidade de assistir mais uma conferência do ramo, a qual foi presidida pela presidência do distrito de São Paulo, e que nos forneceu muitas instruções para que o nosso ramo pudesse ter maior sucesso.

O ramo promoveu a sua tradicional festa caipira, no seguinte dia 29, e nela reinou um grande espírito de cooperação entre os membros e missionários, que conseguiram alcançar seu objetivo. A alegria ocupou o lugar de honra, principalmente quando foi celebrado o casamento na roça.

Tivemos pipoca, doce de côco, canjica, doce de batata, amendoim, e para um toque diferente, saboreamos ainda um fumegante cachorro quente.

RAMO DE PÔRTO-UNIÃO



No dia 16 de junho programamos um pique-nique ao qual compareceram os membros e também vários amigos visitantes. Apesar do mau tempo, ameaçando chuva pela manhã, estabilizou-se a temperatura lá pela tarde, trazendo muita animação, e todos divertiram-se a contento, voltando muito felizes e satisfeitos.

No dia 29 de junho realizamos na capela uma festinha da Sociedade de Socorro, em homenagem ao seu primeiro aniversário transcorrido no dia 14 do corrente. Após a reunião, ouvimos vários discursos pela Presidente e outras Irmãs; passamos a seguir para o Salão de Recreações, para assistir à apresentação de uma pequena comédia intitulada "O Segredo de uma Vida", a qual foi organizada e dirigida pela Irmã Torrens e apresentada pelas Irmãs Maria Torrens e Cassemira Danuta Fronk, Regina Fronk, e Augusta Martins. Ao término da primeira apresentação houve um intervalo em que se apresentaram várias poesias e canções pelas crianças e alguns visitantes.

Em seguida foi apresentada a pequena cena intitulada "O Compadre Surdo", que foi vivida pelas Irmãs Torrens e Meskal, e sendo a esquete muito cômica, esteve bem divertida. Assim tivemos uma festinha bastante animada, com frequência de mais de cem pessoas entre Irmãos e amigos.

Queremos agradecer também a grande ajuda de nossos Élderes que com seu carinho, boa vontade e amor na preparação e ornamentação das salas nos permitiram levar a cabo a festinha com doces e laranjadas para todos; foram ainda batidas muitas fotografias, para recordação. Sendo esta a nossa pequena reportagem, agradecemos a todos os que tomaram parte nas apresentações, assim como a todos que estiveram presentes.

INFLUÊNCIA EDUCATIVA

(continuação da página 291)

nevolência em si mesmas. A Sociedade de Socorro corresponde hoje às necessidades de seus inumeráveis serviços, tão sinceramente quanto no começo.

Uma das muitas facetas da jóia da educação está no desenvolvimento intelectual. Os vários aspectos da cultura são uma influência educativa e seu estudo uma rica experiência. Uma compreensão das grandes e maravilhosas artes, traz largueza de visão, orientação nas adversidades e uma réplica emocional que promove conhecimento. Educação e busca intelectual contribuem no conhecimento doméstico sobre o qual uma pessoa pode sonhar em viver mais abundantemente.

A Sociedade de Socorro traz cultura e beleza à vida dos membros e suas famílias, no programa educativo.

Ajuda a criar e manter vivo o desejo de progresso, o objetivo constante de sempre melhorar os seus conhecimentos. Um estudo discriminado de literatura melhora a habilidade de uma pessoa nas coisas que irão contribuir para o seu desenvolvimento mental e espiritual.

A apreciação da boa música é um outro aspecto cultural fomentado pela Sociedade de Socorro, como meio de participação na adoração e na erudição, e aumentando o conheci-

mento de uma arte perfeita, contribui assim, profunda e amplamente para a vida. Uma vida agradável conduz ao aperfeiçoamento. O oposto é também certo, e o aperfeiçoamento conduz a uma vida agradável. O espírito do lar existente em cada um influi no processo pelo qual o aperfeiçoamento é alcançado. Amor, disciplina, e os ensinamentos dos pais são o fundamento de tôdas as vidas maravilhosamente vividas. Coisas básicas tais como auto-controle, generosidade e autoridade são traços de caráter que conduzem à maturidade espiritual e emocional. Esta maturidade é a influência educativa que molda uma vida objetiva.

A Sociedade de Socorro ajuda a desenvolver entre os seus membros os recursos para uma vida agradável. Tôdas as fases da direção de um lar são ensinadas: desde o tornar os lares mais belos pela criação de trabalhos manuais, aos fundamentos de um lar bem organizado e economicamente controlado, através de atividades que espiritualizam o lar. A contínua instrução que as mães recebem na Sociedade Socorro serve para aumentar a felicidade, serenidade e alegria da vida familiar. A influência educativa da Sociedade de Socorro já encontrou milhares de vidas em seus cento e dezoito anos desde 1842. Nosso Pai Celestial tem realmente ajudado a organização guiando, assistindo e exaltando suas filhas.

Reminiscências

MISSIONÁRIOS DESOBRIGADOS DA MISSÃO BRASILEIRA



ELDER
S. Layne Shockley



SISTER
Margaret K. Gillies



ELDER
Norman D. Rex

Um Passo à Frente

Na vida, onde quase sempre registramos uma predominância de incontáveis tarefas e responsabilidades rotineiras, o desânimo se insinua facilmente; assim, uma atitude donairo-sa talvez seja negligenciada e os alvos esquecidos. O objetivismo é depois desvirtuado pelo sorvedouro emocional das circunstâncias, e perdendo a consciência do fim, poderemos principiar por conceder aos meios uma importância capital. Essa é a hora de adiantarmos um passo à frente.

No outono do ano, o bosque de choupos na montanha é uma trilha dourada integrando o brilhante matiz da estação das folhas mortas. Nós o divisamos como à uma densa unidade, mas dentro do arvoredo, as árvores alteiam-se singulares, confirmando suas próprias características, e cada arbusto, se considerado isoladamente, não é perfeito. Pode-nos parecer que ele não contribui grande coisa, devido a detalhes que qualificariamos como defeitos. Contudo, integrando-se aos demais, vem a resultar num retalho de beleza dentro da paisagem.

Nós não gozamos do privilégio de dar textualmente um passo adiante da vida, para contemplar de diferente ângulo nossa própria existência, com tudo o que experimentamos conciliado num só, completo e harmonioso contorno.

À cada dia, um novo aspecto da vida familiar reclama especial atenção. Por vezes, as tarefas diárias de que não nos podemos furtar assumem tamanho significado que parecem conter em si próprias um fim. E nós nos tornamos tão influenciados por essa rotina que nosso senso de valores acaba por se alterar, disso resultando o perdermos contacto com o objetivo último ou o verdadeiro alvo.

Contudo, podemos ensaiar espiritualmente, êsse passo avançado para analisar os fatos, atitudes e demais elementos dentro do contorno de nossa vida, se o desejarmos. Para fa-

zê-lo, seria necessário considerar cuidadosamente cada aspecto que integra o esquema da existência, do ponto de vista do seu significado real, para apurar dêle o valor através dos moldes verdadeiros — os que são considerados no evangelho de Jesus Cristo.

Êste passo espiritual à frente pode adicionar nova beleza ao antigo contorno, bem como maior apreciação pelas coisas pequenas e simples de que se vive à cada dia — a alvorada, o desenvolvimento das plantas, a intrincada estrutura dos objetos e miríades de outros detalhes. No livro "Doutrina do Evangelho", êsse princípio é inspiradamente considerado:

"Nós não devemos nos deixar abater pelas tarefas rotineiras que o Senhor designou à maioria dos homens. O trabalho de cada dia deverá ser enfrentado com espírito prazenteiro, cimentado pela convicção de que nossa eterna alegria e bem-estar dependem de desincumbirmo-nos bem de nossas obrigações, daquilo que o Senhor colocou a nosso encargo. Por imaginar que precisam realizar algo fenomenal ou de grande originalidade, muitos se sentem infelizes. E pessoas há que prefeririam desabrochar em flôr de uma árvore, para serem fitadas por momentos admirativamente, do que constituir-se em membro duradouro da árvore, vivendo o lugar comum de sua existência.

"Não tentemos substituir com uma vida artificial aquela que é a verdadeira. Realmente feliz é o que pode encher e apreciar a beleza com que Deus adornou as coisas triviais da existência."

Os momentos empregados nêsse passo espiritual poderão restaurar e fortalecer a fé, adicionando novo significado à vida, coragem e confiança para prosseguir, e dar segurança e estabilidade a nossos pensamentos e atos, — por admitir que "as veredas da vida percorrerão os caminhos designados."

Por June Nielsen



O Castelo "Hohenzollern".

Quem não conhece a ambos, o monte e o Castelo Zoller, construído sôbre as ruínas do castelo dos ancestrais dos Hohenzoller. Fotografado milhares e milhares de vêzes, de todos os ângulos, sempre resulta em novos quadros como êste, que demonstra a habilidade e boa visão do fotógrafo. Para o excursionista, é sempre uma atração romântica e tôda a paisagem ao seu redor é magnífica e variada.

BIETIGHEIM.

A decorativa Câmara Municipal reflete-se nas águas do rio Metter. Se da maioria das cidades da região pode-se dizer que a Câmara Municipal é o adôrno da cidade, cabe esta afirmação em especial a esta jóia que é a Câmara de Bietigheim. Seja vista da parte do rio Metter ou da praça do mercado, de qualquer ângulo é um encanto. Embora a cidade tenha um passado histórico e nobre, ela não se prendeu ao passado, e vai-se estendendo para todos os lados. Devido aos seus cidadãos esclarecidos e bem dirigida administração, muitas indústrias ali se estabeleceram. Entre elas as manufaturas de "Linoleum" que tornaram o seu nome conhecido em todo o mundo.

Devolver a
A LIAHONA

Caixa Postal 862 — São Paulo, Est. S. P.
Não sendo reclamada dentro de 30 dias.

PORTE PAGO